

***Práticas grupais:
um lugar para
viver coisas junto***

Juliana Camargo da Silva

Práticas grupais: um lugar para viver coisas junto

Produto apresentado a UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, para obtenção do Título de Mestre Profissional em Ensino em Ciências da Saúde.

Orientadora: Prof^a Dra. Angela Aparecida Capozzolo

Coorientação: Prof^o Dr. Sidnei José Casetto

Santos
2021

O objetivo deste livreto é oferecer um material de problematização e apoio para a realização de práticas grupais. Ele é destinado a trabalhadores e gestores da área de saúde e demais implicados com a realização de práticas grupais. O material pode ser utilizado em reuniões de equipe, em espaços de Educação Permanente, em leituras individuais etc.

Serão apresentadas narrativas¹ de situações vivenciadas por profissionais da saúde do município de Santos, acompanhadas de questões que visam estimular o debate e a abertura para pensar as práticas grupais.

O primeiro relato, *“É pra boicotar? Vamos boicotar, não vai ter grupo hoje”*, aborda as dificuldades enfrentadas pelos profissionais para realizar uma atividade grupal em uma unidade de saúde. Em *“Palestra sobre Diabetes. Venha aprender para fazer tudo ao contrário*

¹ As narrativas foram extraídas da dissertação Os Núcleos de Apoio à Saúde da Família e as práticas grupais. Um estudo no município de Santos/SP. Dissertação apresentada à UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, para obtenção do Título de Mestre Profissional em Ensino em Ciências da Saúde.

depois”, temos o incômodo provocado no condutor da ação grupal ao ter suas falas contrariadas.

“*Clube da Convivência mais Projeto Leia Santos. Onde, quando? Venha adotar um livro*”, relata um encontro de um grupo realizado em uma unidade que começa de forma tumultuada, com vários imprevistos, mas que termina produzindo resultados significativos.

Já em “*Grupo de mulheres transformam vidas em Monte Cabrão*”, é apresentado um grupo construído a partir de demandas percebidas nos atendimentos individuais dessas mulheres e o seu efeito em todos os participantes. Na sequência, em “*A vida faz sentido quando é uma vida compartilhada*”, temos o relato de um encontro emocionante desse grupo.

“*Lugar de viver coisas junto*”, traz a narrativa de um grupo para adolescentes e as estratégias utilizadas na construção desse grupo.

É sempre interessante que o trabalho com as narrativas seja realizado em grupo e assim possa se constituir também em uma experiência grupal. Para isso

seria pertinente cuidar para criar um ambiente acolhedor e de confiança entre os participantes. Nesse sentido, firmar um compromisso entre os participantes que assegure que o que for dito nos encontros não será exposto fora daquele ambiente.

A partir desse ambiente de confiabilidade, estimular os participantes para que tragam suas experiências com práticas grupais, tendo o cuidado de oportunizar momentos de falas a todos.

Em cada encontro seria interessante uma atividade inicial de aquecimento com movimentos corporais, lúdica, que amplie a interação entre os participantes, mobilize a atenção, desperte para o por vir e estabeleça laços.

Em relação a leitura das narrativas, sugere-se que possa ser realizada em voz alta, seguida do debate das perguntas.

Ao final de cada encontro seria significativo realizar uma avaliação do que for produzido, e instigar a realização de novos encontros para continuidade das discussões e construção de novas possibilidades de grupos.

Dicas de atividades de aquecimento

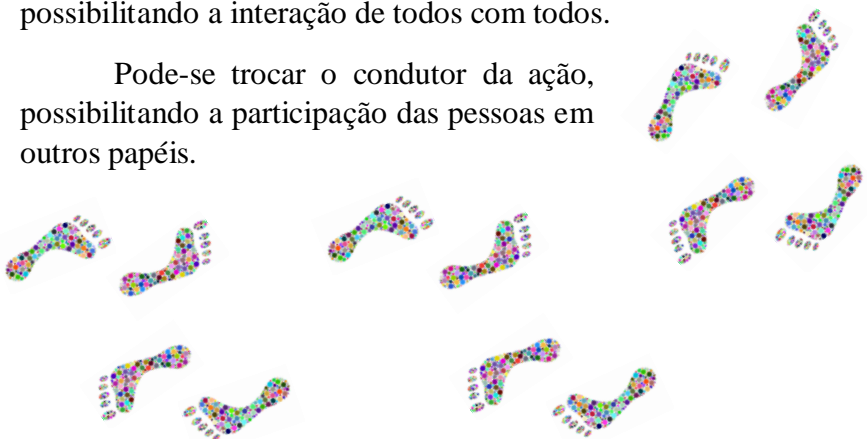
Atividade de deslocamento

Inicie o grupo propondo que os participantes façam duplas, posicionando-se um de frente para o outro de mãos dadas.

O condutor falará duas palavras de comando: “gira” e “troca”. No comando “gira” as duplas apenas virarão ao contrário, mantendo-se com seu parceiro. No comando “troca” as pessoas terão que procurar outra pessoa para fazer dupla.

O condutor pode brincar com o comando, utilizando as palavras de forma aleatória, o que requer atenção dos participantes, e provoca deslocamentos possibilitando a interação de todos com todos.

Pode-se trocar o condutor da ação, possibilitando a participação das pessoas em outros papéis.



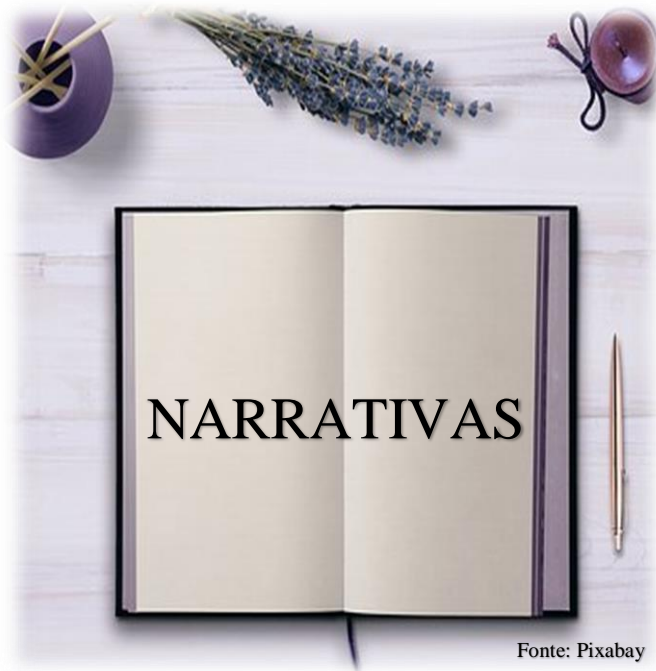
Atividade de circulação da palavra

Distribua aos participantes um pedaço de papel e uma bexiga. No papel peça para escreverem uma palavra que simbolize para cada um o que é grupo. Em seguida solicite que o papel seja colocado dentro da bexiga e ela enchida.

Com os participantes em círculo realize a brincadeira “*Escravos de Jó*” proporcionando a circulação das bexigas. No link Curso de Recreação - Brincadeira Escravos de Jó - Jogos de Salão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4u5sM6dgu5Y>. Acesso em: 30.01.2021, há uma sugestão da coreografia que pode ser realizada.

Para tornar a brincadeira mais dinâmica vá acelerando o ritmo da música conforme as pessoas vão se familiarizando com a coreografia. Outra dica é pedir que ao final de cada rodada cada participante só tenha uma bexiga em mãos.

Após algumas rodadas solicite que as bexigas sejam estouradas e que cada um leia a palavra que está dentro da sua bexiga, colocando depois o papel no centro do círculo, construindo um mosaico com as palavras.



Fonte: Pixabay

É pra boicotar? Vamos boicotar, não vai ter grupo hoje.

– Lá nesta unidade, temos duas equipes de saúde e foi montada uma comissão de grupos. Foi combinado que iríamos fazer o grupo de Hiperdia² antes da consulta médica e que este deveria durar cerca de meia hora.

Assim, iniciamos fazendo o grupo das 13:30 horas às 14 horas para em seguida os usuários irem para atendimento médico.

Uma das médicas, que não acredita em grupo, começou a chegar mais cedo. E aí a gente mudou o início do grupo para às 13horas. Depois a médica começou a chegar às 13horas. Aí a gente chegou a pensar em subir os horários, porém decidimos, depois de conversar na comissão de grupo de começar a fazer o grupo na frente da sala dessa médica. Isso é um absurdo.



² Programa Nacional de Hipertensão e Diabetes mellitus, que tem por objetivo cadastrar e acompanhar a situação dos portadores de hipertensão arterial e/ou diabetes mellitus em todo o país, a fim de garantir uma melhor qualidade de vida aos pacientes.

- Acho isso um absurdo. A gente almoça voando porque a médica é contra grupo e a gente tem que fazer o grupo correndo antes dela chegar porque ela vai começar a atender e não vai ter ninguém lá para ouvir.

Um dia quando cheguei ela já estava atendendo e falei:

-” Cadê as pessoas?”

- “A médica já está atendendo, mas chama lá”.

Eu me recusei, eu não vou fazer o grupo, acabou. Ou todo mundo colabora, dá importância pro espaço, ou a gente não vai fazer. Ela chega antes do horário dela, porque ela não tem paciência para esperar a gente terminar o grupo, e começa a atender. Foi combinado deles começarem a atender um pouquinho mais tarde pra gente fazer o grupo, enfim quem for responsável fazer o grupo. Só que ela não respeita o horário. A gente tem que almoçar em 5 minutos, sair voando porque tem que fazer o grupo antes. Me recuso gente. Então, beleza, não é pra fazer, é pra boicotar? Vamos boicotar, não vai ter grupo hoje. Não vai.

- E ontem não tinha consulta médica pois ela entrou de férias e a gente fez um grupo que durou 1 hora. Eram 11 pessoas na agenda, e iniciamos com 9 pessoas sentadas

conversando, discutindo sobre o assunto. Uma chegou atrasada.

Foi lindo. Foi lindo. Eu fiquei encantada com a chefe administrativa, com a ACS, com a outra pessoa do NASF que participaram junto comigo. Então uma pessoa consegue estragar tudo isso.

Você já vivenciou uma situação semelhante a essa?

**O que pensa a respeito de como está organizada esta atividade grupal?
E sobre a posição da médica?**

Haveria outras possibilidades de lidar com esta situação?

Palestra sobre Diabetes.
Venha aprender para fazer tudo ao contrário depois.

- Eu participo muito de grupo de insulíndependentes. Gosto muito de fazer esses grupos, eu diria que é o tipo de grupo que eu mais gosto de fazer. Porque é onde eu acho que tenho algo a acrescentar, além de ser um assunto que me interessa muito.

E é engraçado porque assim, uma situação que sempre se repete nesses grupos é o paciente sabotador, a pessoa sabotadora. Então você está lá com um grupo de 20 pessoas e você fala:

- “Olha então, não é interessante comer muito açúcar”

E sempre tem uma pessoa que está ali, praticamente em todo grupo, que responde:

- “Não, eu como doce e tudo e tô aqui, tô super bem, não, não”.

Com o tempo a gente vai aprendendo a lidar, a meio que continuar tocando o grupo. No começo isso me desconcentrava bastante, esses sabotadores. E com o tempo a gente vai aprendendo a ir lidando com essas pessoas.

Mas eu acho que isso tem muito a ver com a forma como o grupo é estruturado. É um grupo imposto, atrelado a entrega de insumo. Então a pessoa muitas vezes está ali obrigada. Ela não está aberta a escutar a informação que a gente está dando, e por isso, isso acontece.

A minha manchete: “Palestra...”, porque eles acham que é palestra, “Palestra sobre Diabetes. Venha aprender para fazer tudo ao contrário depois”. É isso que a gente vê.

Por que não acolher opiniões contrárias no grupo?

Não seria importante elas aparecerem exatamente ali, onde podem ser pensadas coletivamente?



**Clube da Convivência mais Projeto Leia
Santos.
Onde, quando?
Venha adotar um livro.**



Fonte: freestocks.org

- Eu sou farmacêutica e não tenho vivência nenhuma de grupo. Iniciei fazendo grupos onde eu falava sobre os medicamentos e abordava o que eu sabia e por isso não era desconfortável. Porém, depois que comecei a trabalhar com colegas de outras áreas (TO, psicologia) comecei a me envolver em outros tipos de grupo.

Eu sou referência de uma unidade no morro, e entrei em parceria com outra colega do NASF em um grupo que se chama “Clube da Convivência”. A gente faz um trabalho com pais e filhos, que as crianças eram pacientes do CAPS I (Centro de Atenção Psicossocial

Infantil) e foram matriciadas³. Um grupo parecido com aquele que o NASF do Centro fazia lá em Caruara, grupo de famílias.

Foi bem difícil de implementá-lo. Mas teve um encontro que foi o mais marcante para mim. Foi um encontro que a gente conseguiu fazer em parceria com a Cultura. A minha colega de NASF tinha um contato de uma pessoa da Cultura, e eles trouxeram aquele projeto “Leia Santos”.

A gente também tinha no território uma munícipe que era bem engajada, e que em sua casa juntava livros que emprestava para crianças dali. Ela fazia parte desse grupo e também tem um porque dela estar no grupo.

Então a gente falou:

- “Ah, vamos juntar o projeto “Leia Santos””, que a gente já estava em contato com a Cultura, “e vamos juntar o “Clube da Convivência””.

E já era uma maneira da gente abrir o Clube, não só para os pacientes do CAPS I, vamos ver o que dá. Até aí estava bem gordinho o grupo.

E aí nesse dia a gente encontrou uma família que, quer dizer, as crianças apareceram no grupo, mas as

³ Crianças que são atendidas pelo CAPS I e pela USF, num processo de construção compartilhada do cuidado.

crianças estavam com fome, e juntaram várias coisas diferentes. Tinha o pessoal da Cultura que estava ali meio obrigado, não conheciam o território, estavam com medo, “Ah, onde vai subir?”, “Tem polícia, não tem polícia”. E bem nesse dia teve polícia. Mas eles não viram a polícia.

Depois apareceu essa família que também foi bem impactante. As crianças sem comer. E o pessoal da Cultura também ficou muito impactado com o cenário de crianças ali lendo como se estivessem comendo, se alimentando.

Então pra mim foi muito impactante. A diferença que a gente faz. Eu pelo menos quando comecei a fazer grupo eu pensava em quantidade. “Pô, não vem ninguém né”, “Ah, ninguém se interessa”, “A gente está aqui pra quê?”. Mas eu comecei a perceber que isso não importa, na verdade o que importa é o qualitativo.

Nesse dia tivemos vários causos no mesmo dia, mas a diferença que a gente fez ali naquele dia. Depois no encontro seguinte do Clube, veio muita gente. Veio todas as famílias que tinham aparecido nos outros encontros. Elas se juntaram todas no próximo. Porque chamou atenção. Então, pra mim, esse foi o mais marcante.

A manchete que eu criei para divulgar o grupo é:

- “Clube da Convivência mais projeto Leia Santos. Onde, quando? Venha adotar um livro”.

Como lidar com os imprevistos?

Como é para o profissional ver a fome e ter livros para oferecer?



Fonte: Pixabay

Afinal, o que importa: quantidade ou qualidade?
Por quê?

Grupo de mulheres transformam vidas em Monte Cabrão.

- A manchete que eu coloquei é “Grupo de mulheres transformam vidas em Monte Cabrão”. É um grupo que a gente faz quinzenalmente em Monte Cabrão, e para mim marcou bastante o começo desse grupo.

Eu vou para Monte Cabrão há muitos anos, e eu sempre, a gente sempre se questionava aquelas mulheres lá em Monte Cabrão, extremamente apagadas, extremamente entristecidas, sem vida, e reclamando que nada tinha no território. A gente via elas bem submissas a tudo. Sem brilho, sem vontade e tal. E a gente topou começar esse grupo.



Fonte: Pixabay

E para mim foi muito marcante, que eu participei bastante do início desse grupo, de ver hoje como elas já estão completamente transformadas desde o primeiro grupo que a gente fez.

Então a gente faz processo de reflexão do que é ser mulher, do que é ser mulher em Monte Cabrão. Do que é ser mulher na própria casa.

E para mim é muito claro, eu sempre digo isso, eu sempre vou dizer, as fotos que a gente tira, a diferença da primeira foto, do primeiro encontro, e hoje, como elas se colocam nas fotos, como elas sorriem, como elas se vestem diferente, sabe? No primeiro encontro é uma foto todo mundo bem entristecida, sem sorriso. Vestido preto, azul marinho, cinza. Hoje elas já vão mais coloridas, elas já sorriem, elas já se identificam. Elas já reconhecem a gente. Quando a gente chega elas já perguntam do próximo encontro.



Fonte: Jannie Clavel

E assim, transformam vidas não só delas, mas nossas também. Nós principalmente enquanto mulheres, como a gente pode apoiar outras mulheres. Pelo nosso trabalho principalmente.

Eu acho que todo mundo aprende quando a gente faz grupo: quem conduz e quem participa, enfim, todo mundo participa. Eu acho que é uma coisa que se mistura. Acho muito interessante porque não existe a pessoa que comanda, tem a pessoa que direciona, mas não quer dizer que o que ela fala é o certo.

Eu acho que é um momento muito importante e me entristece muito quando alguns espaços grupais vão sendo fechados porque não acreditam nesse potencial. Porque eu acho que é um momento onde as pessoas se fortalecem muito, principalmente os usuários. Eles se identificam, eles criam vínculo entre eles, eles se fortalecem, eles trocam ideias. E às vezes a gente tá ali só para observar tudo isso e fala:

- “Meu, que legal, vale apenas fazer”.

Então é um dos grupos que eu falo, pra mim, que o nosso NASF mais está fazendo diferença mesmo. Transformando vidas mesmo num lugar tão esquecido, tão cheio de nada para fazer. E que a gente está conseguindo propor algumas coisas bem interessantes lá. É um grupo que está ativo e está bem bacana, e transformando vidas.

Eu acho que delas e nossas também. Enquanto NASF, enquanto profissionais.

O que contribui para tornar interessante este grupo?

Quais tipos de grupos podem ser realizados na saúde?

Qual o papel do condutor?

A vida faz sentido quando é uma vida compartilhada.

- É um grupo de mulheres, que foi mais ou menos no início que aconteceu, num dia chuvoso. Nossa, num dia chuvoso as pessoas irem já acho uma...é um desejo assim. Acho que isso já aponta uma coisa.

E aí essa mulher foi ao grupo, e a ideia era colocar vivências, e pensamentos, e sentimentos numa cabeça de uma boneca. E ela se emocionou muito por estar no grupo e poder compartilhar, colocar uns sentimentos.



- Queria também colocar, florear um pouco a história. O porque que eu trouxe. Essa usuária é lá de Monte Cabrão. Ela vendia banana, ali na Rio Santos, ela foi atropelada, enquanto estava vendendo banana. É por isso que ela amputou a perna e por isso que virou cadeirante.

Eu já estava no território quando isso aconteceu, foi bem antes do NASF, e eu acompanhei bem de perto essa transição. Era uma pessoa extremamente entristecida pela situação de estar em uma cadeira de rodas, porque ela era quem sustentava a família, e agora não podia mais trabalhar. E eu junto com outra colega do NASF atendemos ela muito de perto. Muito, muito, muito. A gente ficou muito próximo dela. Ela é extremamente tímida, e a gente não conseguia tirar nada dela, nada. A gente ia na casa dela e ela só chorava, ela só chorava, só chorava, só chorava. A gente bem aos pouquinhos começou a tirar algumas coisas dela.

E aí pelas coisas da vida eu saí de licença. Eu peguei dois anos, fiquei fora. E no dia que eu cheguei pro grupo ela estava lá. E ela ficou tão feliz de ter me visto, que só de me ver começou a chorar. A gente se abraçou, e foi muito, muito intenso.

E esse grupo ele tem um fundo terapêutico, mas pra trabalhar as questões das mulheres, por conta do território, que é um território bem machista, extremamente violento.

E nesse encontro a gente fez um estandarte, só com a cabeça de uma mulher, e elas fazem fuxico nesses encontros, e a gente propôs que elas colocassem os fuxicos na cabeça e os fuxicos representando os pensamentos daquela boneca. “O que que aquela mulher está sentindo?”, sempre se referindo à boneca, mas óbvio que era pro pessoal poder se colocar.

E a (...) nesse momento falou assim:

- “Ah, eu não consigo chegar até aí. Minha cadeira não passa”.

Aí quando iam levar o estandarte para ela eu falei assim:

- “Não, pera aí. Você vai chegar até o estandarte. O estandarte não vai até você”.

Monte Cabrão é aquela loucura né, mesa encima de cadeira, chove dentro, pinga na nossa cabeça. Porque não existe um local adequado. A gente faz os grupos num espaço totalmente improvisado, enfim. Aí a gente meio que na hora arrumou ali, ela foi com a cadeira de rodas dela até o estandarte, colocou o fuxico... E ela chorava, chorava, ela tremia, ela chorava.

Então assim, foi extremamente emocionante, por eu conhecer a história dela, de saber que ela é uma pessoa extremamente tímida e ela foi naquele momento colocou o fuxico e conseguiu falar sobre ela. Então foi muito

significativo. Foi muito bacana por todo o contexto. E por quanto o espaço proporcionou isso pra ela que eu sei que fez muita diferença ali.

Então, nesse dia eu cheguei, ela estava lá, eu fiquei tão feliz, eu fiquei tão feliz. Porque a unidade fica de um lado da Rio Santos e ela mora do outro lado da estrada, beirando o morro. O acesso pra casa dela, se chover é lama. E aí aquele contexto todo. Alguém precisa levar, pra empurrar a cadeira de rodas. E estava chovendo e alguém levou. Sabe ela foi, ela chegou. Então quando eu olhei eu falei: “(...) eu não acredito. Que legal” Nossa, foi muito bacana nosso reencontro.



**O que é singular de cada um
tem lugar e pode ser cuidado
em contextos coletivos?**

Lugar de viver coisas junto.

- Porque é um grupo meio doido assim. A ideia é dos adolescentes se encontrarem no território (Morros). Até porque não tem muito esse vínculo com a unidade. Na verdade, não foi tanto uma preocupação dos adolescentes não irem às consultas, nem nada disso. Foi mais uma ideia de aproximação. Eram meninas, três ou quatro meninas, e aí elas saíram, agora são só meninos.

A gente tem uma coisa de se aproximar um pouco da realidade deles, eles gostam de jogos, games, essas coisas, e a gente precisa na verdade estar mais próximo disso. Mas, no geral, a gente tem desenvolvido atividades de expressão, desenho, conversa, filme.

E aí a gente está com essa ideia de deslocar mesmo, de trabalhar território como potência. Então a gente já foi em vários lugares. E um dos lugares é a Rádio Silva da Unifesp. Então tem sido muito legal, dá uma sensação muito boa. Porque acho que ver jovens se encontrando num espaço, eles arriscam, que é uma coisa pra mim inesperada, eu sou extremamente tímida. Até tenho dificuldades assim. E eles aos pouquinhos vão se arriscando a dizer coisas.

E têm um menino que eu acompanho, já acompanhei ele individualmente, que estava se cortando. Ele já passava na unidade. E eu achei que tinha uma questão de expressão, de não conseguir colocar o que

sente, elaborar. Então, a partir do grupo, e da confiança no grupo, e da identificação com algumas pessoas, que eu acho que no grupo acontecem encontros, esses outros canais o ajudaram muito.

Ele encontrou o estagiário de TO, que participava do grupo, e começou a confiar em contar coisas pra ele. E isso foi muito potente. Que eu acho que no grupo você abre também as possibilidades, não é só centrado em você. Então coisas podem acontecer. E ele hoje é uma figura que sempre vai, esse menino, melhorou muito. E ele é bem quieto e um dia ele participou da rádio.

E um dia uma das meninas que estava indo falou:

- “Ah, mas eu conheço ele. Ele não consegue falar. Ele não fala. Não sei o que... Não fala muito”.

Aí eu falei:

- “Ah, você conheceu outra pessoa. Porque essa pessoa que eu conheci falou bastante na rádio, contou, e tal”.

E aí no encontro seguinte ele passou a fazer uma coisa de locução. E eu fiquei sabendo hoje, que um moço, que é acompanhado pelo NASF centro, foi na Rádio Silva, e o sonho desse moço é ser locutor. E o sonho desse menino que eu acompanhava também é algo parecido. E aí eles estão trocando mensagens. Que a ideia é também fazer esse encontro dos jovens dos territórios. E eu acho super

bacana quando isso também se estende além do grupo. De produzir uma coisa assim de encontro, quando amplia essas redes de contato.

E esse menino especificamente que eu acompanhei, ele tinha uma série de relações, não são imaginárias, mas são somente virtuais. Então tem uma tendência mais ao isolamento, porque ele não se relaciona muito com as pessoas no dia a dia. E aí com o estagiário que apareceu no grupo, apareceu uma relação mais concreta, e agora com essa pessoa que está indo. É alguém que ele conheceu e que existe. Não é que as outras pessoas não existam, mas ele tem uma namorada virtual, sabe? Então isso vai, não que não possa ter, mais vai criando um certo isolamento que é difícil de acessar. Então agora está mais fluindo.



Fonte: Pixabay

Eu acho também que é um lugar de viver coisas juntos. Acho que tento pensar um pouco nisso quando eu proponho alguma coisa. O que eu posso viver nesse espaço? Por exemplo, dos meninos, eles têm o grupo da escola, que é uma outra experiência. A rua, os meninos, alguns, ficam na rua com outros adolescentes. Mas eu tento pensar que esse espaço, pode ser um espaço diferente o que

que eles podem viver juntos. Que experiências interessantes que podem somar na vivência deles.

Eu acho que é isso, encontrar coisas comuns também. Viver menos sozinho. Às vezes eu acho que tem coisas que você está passando e que a pessoa consegue verbalizar, e você fala: “putz, é isso que eu estou vivendo”.

Então acho que tem muito a ver com essa questão do encontro também. De poder estar junto e viver uma experiência junto. Mas eu acho que vale a pena. Essa experiência de tentar viver junto alguma coisa que seja significativa, que marque, que você consiga pensar, que você saia diferente. Acho que vale a pena.

Reunir pessoas pode ser uma forma de
produção de saúde?



Fonte: Min An